



REVISTA DO CAAP
fundada em 1921

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes¹

Resumo: Neste artigo, interpreto a relação entre as categorias de quantidade e qualidade a partir da obra da dialética materialista de Henri Lefebvre. Para isso, após uma breve introdução da biobibliografia de Henri Lefebvre, reconstruo essa relação a partir da obra *Lógica Formal/Lógica Dialética* enquanto o primeiro livro de um projeto logo abandonado em circunstâncias que explico. Como um segundo passo, exploro a relação entre as categorias de quantidade e qualidade, por um lado, e o conceito de totalidade aberta na obra do autor francês. No término do ensaio, indico de que forma as mediações postas ao longo do trabalho podem tornar-se produtivas para futuras interpretações de materiais historiográficos.

Palavras-Chave: Dialética; Lógica Formal; Lógica Dialética; Totalidade.

¹ Doutorando em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e bacharel em Direito pela UFMG. E-mail: joapedrolopesf@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0631-4724>.

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

A READING OF THE RELATIONSHIP BETWEEN QUANTITY AND QUALITY IN DIALECTICAL LOGIC FROM HENRI LEFEBVRE

Abstract: In this article, I interpret the relationship between the categories of quantity and quality from the work of the dialectical materialism of Henri Lefebvre. For this, after a brief introduction of the Biobibliography of Henri Lefebvre, this relationship is reconstructed from the book *Formal Logic/ Dialectical Logic* as the first volume of a project soon abandoned in circumstances that were explained. As a second step, I explore the relationship between the categories of quantity and quality, on the one hand, and the concept of open totality in the work of the French author, on the other hand. At the end of the essay, I indicate how the mediations put throughout the work can become productive for future interpretations of historiographical materials.

Keywords: Dialectics; Formal Logic; Dialectical Logic; Totality.

INTRODUÇÃO

Henri Lefebvre nasceu em 1901, na parte francesa da cordilheira dos Pirineus, em Hegetmau (Elden, 2004, p. 1). Educado por uma família católica, escolheu deixar sua cidade em 1919 para estudar filosofia em Sorbonne, onde se graduaria. No início dos anos 1920, participou de um grupo de estudantes de esquerda composto por Nobert Guterman e Georges Politzer, entre outros. Juntos, fundaram um periódico chamado *Philosophies*, em que Lefebvre publicou muitos dos seus primeiros artigos (Elden, 2004, p. 2). Lefebvre foi um precoce leitor de Schelling e de Nietzsche, e posteriormente descobriria Hegel, através do qual chegaria a Marx, tendo chegado a fundar, em razão do interesse que desenvolveu pela obra marxiana, um outro periódico chamado *La revue marxiste*, junto com Norbert Guterman e parte dos membros do *Philosophies*.

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

Filiou-se ao Partido Comunista Francês (PCF) em 1928 porque entendia que “a prática era inseparável da teoria” (Elden, 2004, p. 3). Durante a ocupação nazista da França, foi exonerado do seu cargo de professor em 1941, em razão de suas ligações com o PCF. Após 30 anos de filiação, abandonou o Partido em 1958, mas manteve seu engajamento com vários outros grupos de esquerda. No decorrer de sua longa e produtiva carreira, inclusive porque viveu até os 90 anos, publicou 70 livros, enquanto dois outros livros foram publicados postumamente. Antidogmático, Lefebvre não escondeu a influência mediada de Nietzsche em seu pensamento, tampouco a centralidade de Hegel em sua leitura de Marx. Mais do que isso, debruçou-se sobre uma série de temáticas distintas e pouco usuais, que iam desde estudos profundamente filosóficos, passando por análises do espaço urbano e rural, até seus estudos críticos sobre o Estado.

“Lógica formal Lógica Dialética” é um desses livros. Escrito entre 1946 e 1947, consistia no primeiro volume de um projeto mais ambicioso: um “Tratado de Materialismo Dialético” composto por oito tomos (Lefebvre, 1969, p. 1). Este primeiro volume serviria como introdução aos demais, mas o projeto teve de ser abandonado por questões políticas, sofrendo severas críticas por “não contribuir para a elaboração de uma lógica proletária” (Lefebvre, 1969, p.1). Sabe-se que o segundo volume do “Tratado” chegou a ser escrito e impresso, não obstante tenha sido destruído pela censura do Partido Comunista Francês e sobrevivido somente enquanto manuscrito, posteriormente publicado com o título “*Methodologie des Sciences*” (Elden, 2004, p. 28). Quanto ao primeiro volume, no prefácio redigido por ocasião da sua segunda edição, Lefebvre nos diz que buscava “transmitir, ensinar o pensamento dialético de forma didática e teórica” e, porque nenhuma outra obra teria conseguido substituí-la, as objeções contra a republicação do livro não lhe pareceram decisivas (Lefebvre, 1969, p. 2).

1 LÓGICA FORMAL E LÓGICA DIALÉTICA

O que é o pensamento dialético? Lefebvre o define como pensamento global, isto é, político, pensamento que implica a historicidade e que perde o seu sentido caso não exista história (Lefebvre, 1969, p. 36). Ao reivindicar a noção de totalidade, distingue-se claramente

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

dos ideólogos que lhe antecederam, interpretando o pensamento dialético como avesso a exercícios escolásticos. O próprio conceito de alienação, como veremos, essencial para a sua leitura de Marx (Jay, 1984, p. 293), não é, contudo, operacional nem formalizável. Ainda assim é uma definição crucial. Conforme o próprio Lefebvre, esse conceito “revela as condições e situações concretas. Um grau superior de conhecimento não é atingido porventura, quando se leva à linguagem, ao conceito teórico, o ‘vivido’, o fato de que o sentimento da alienação provoque atos, energias?” (Lefebvre, 1969, p. 36).

Já a Lógica Formal não pode ser simplesmente resgatada do pensamento aristotélico, mas deve ser retomada, de forma que seja situada em seus limites enquanto lógica do entendimento, quer dizer, da separação momentânea entre a forma e o conteúdo (Lefebvre, 1969, p. 134). O pensamento, ainda que em movimento, deve permanecer coerente, sob pena de implodir. Afinal, quando o pensamento capta o conteúdo, supera a forma vazia, ao mesmo tempo em que também implica e conserva essa forma, imprimindo-lhe um conteúdo que não é informe (Lefebvre, 1969, p. 136).

Assim, embora seja necessário estudar a forma lógica por si mesma, ela própria é produzida pela separação do que efetivamente está ligado e, ao mesmo tempo, é produtora das abstrações que se encadeiam e tendem ao concreto. Assim, serve de mediações entre a forma e o real (Lefebvre, 1982, p. 15). Essa abordagem da lógica formal não pode, todavia, reduzir a práxis (Lefebvre, p. 37). Isso porque

se é verdade que a ação e o pensamento se desenvolvem no seio das contradições e que essas contradições trazem conteúdo a um pensamento que, sem elas se fecharia nas tautologias, não é menos verdade que o discurso e a ação (a palavra e o escrito) implicam a forma, exigem a coerência, recorrem à mediação da lógica formal e da lógica concreta (das diferenças) e se esforçam para resolver os problemas que surgem com as contradições (Lefebvre, 1969, p. 37).

Mas, para além da importância didática do esforço a que se propôs Lefebvre, por que é relevante revisitar a questão da lógica? Em primeiro lugar, nem a lógica e nem a dialética são entendidas aqui como superestruturas da sociedade ou de um ou outro modo de produção, mas possuem uma relação, por um lado, com a prática, e, por outro lado, com a teoria (os conceitos) (Lefebvre, 1982, p. 12-13). Em segundo lugar, em um dado momento de desenvolvimento do

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

poder que a humanidade adquiriu sobre a natureza, a civilização forjou instrumentos com um grau superior de objetividade (Lefebvre, 1969, p. 76).

Dessa forma, na época do milagre grego, foram criadas a matemática, uma certa ciência da natureza e, sobretudo, uma lógica formal enquanto instrumento universal de conhecimento. No entanto, se nessa época o pensamento era tanto mais desenvolvido quanto maior fosse a dominação natureza, então os problemas da nossa época se revelam diferentes, ou melhor, mais complexos. Isso porque nos confrontamos não somente com o problema clássico do progresso na dominação da natureza, mas também com a questão de dominar racionalmente e de organizar os produtos da atividade humana (Lefebvre, 1969, p. 77). Aqui, Lefebvre responde à questão colocada: o sentido desse esforço é o de

aperfeiçoar e flexibilizar as formas e instrumentos de pensamento. Os gregos inventaram uma lógica; nossa época, a partir de Hegel, determina progressivamente uma metodologia e uma lógica novas, fundadas não somente sobre o conjunto dos resultados das ciências da natureza, mas também sobre os estudos *dos fatos e das questões históricas e sociais* (Lefebvre, 1969, p. 77, grifo próprio).

De toda maneira, o entendimento, que tem uma forma correta de proceder, separa e determina a qualidade, indo do abstrato ao concreto, do todo às partes (Lefebvre, 1969 p. 177). Nessa abstração, nota-se que a qualidade isolada se repete em vários exemplares, que ela é comum a todos estes. Portanto, através do movimento interno do pensamento, bem como no próprio conteúdo, a quantidade se introduz por exigência do conteúdo. A qualidade e a quantidade se revelam como dois aspectos inseparáveis, tanto do real quanto do pensamento, relativamente verdadeiros, mas isoladamente falsos.

Mais do que isso, o pensamento não pode estancar aqui sem coagular, o que implicaria também a falsidade dos dois aspectos destacados. O pensamento deve avançar reunindo aquilo que o entendimento separou com base na diversidade e nos múltiplos aspectos do real (Lefebvre, 1969, p. 180). A razão é que se esforça por encontrar as conexões naquilo que foi analisado, em reunir o que foi separado, assim, trata-se do necessário movimento de volta das partes ao todo, sem por isso partir uma vez mais do primeiro imediato. Não obstante, a contradição entre a razão e o entendimento sempre renasce e deve renascer, em um outro grau (Lefebvre, 1969, p. 233-235).

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

Mas, afinal, o que é isso? O pensamento é contraditório? Sim e não. Em primeiro lugar, o pensamento não reflete mecanicamente a realidade racional, pois o próprio movimento do pensamento é dialético e produtivo. Em segundo lugar, o movimento do pensamento progride através das contradições determinadas, pensáveis, atravessando essas relações e as relacionando (Lefebvre, 1969, p.178). Entretanto, a contradição não é o absurdo, pois superar um termo contraditório não é destruí-lo, mas negá-lo num certo sentido, conservando-o. Por isso, “cada processo importante do pensamento introduz o novo, mas posto em seu lugar pelo movimento e, portanto, compreendido. E cada grau novo se manifesta através de um salto do pensamento vivo que avança” (Lefebvre, 1969, p. 179). A dialética, abordada formalmente, define-se por regras e leis que não se pode desconhecer, afinal, não se pode dizer que um objeto é ao mesmo tempo preto e branco, ou melhor: a teoria das contradições não pode ela mesma ser contraditória (Lefebvre, 1982, p. 14-15).

Dessa maneira, a totalidade sobre a qual uma tal lógica concreta opera é aberta em vez de fechada. Essa lógica se funda sobre a história e, se a própria história não fosse racional, seria inútil projetar com as ferramentas da lógica uma racionalidade externa (Lefebvre, 1969, p. 88). Se é possível captar o real, é porque a história implica uma estrutura e, na sociedade, como no pensamento, as interações de elementos opostos constituem a estrutura dialética da história. Nesse desenvolvimento do homem, a razão torna-se histórica e a história torna-se racional, ou seja, a razão, a lógica e a história se tornam simultaneamente concretas e verdadeiras uma vez que se tornam dialéticas (Lefebvre, 1969, p. 88-89).

A lógica formal, por sua vez, é um dos momentos da razão, na medida em que permite compreender que

o pensamento que conhece, opera sobre um conteúdo, mas deve assimilar esse conteúdo progressivamente; não deixá-lo no plano do global e do confuso; mas admiti-lo apenas quando analisado e, por conseguinte, quando determinado pelo trabalho ao mesmo tempo duplo e unitário, do entendimento e da razão (Lefebvre, 1969, p. 169).

Alcançamos a lógica concreta e estabelecemos as relações gerais entre razão, lógica e história. Nesse processo, a mediação entre o ser e o nada é feita pelo devir, o que implica reconhecer o fim e a finitude (Lefebvre, 1969, p. 206). De outra maneira, o que existe tem um

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

limite no espaço e no tempo, o seu fim. O fim do que existe de forma determinada, de algo, aparece, por outro lado, como sua passagem a outra coisa e sua mediação nessa coisa. Por ter limites, algo é finito, mas a totalidade da qual esse algo é um elemento, por exemplo, a natureza, é também infinita, embora formada por um número determinado de seres finitos (Lefebvre, 1969, p. 207).

Cada ser é, pois, uma qualidade finita. No entanto, o ser qualitativamente determinado existe sempre para e por um outro, está em conexão com um outro, é posto no devir por um outro e trará à existência um outro (Lefebvre, 1969, p. 210). *Ad absurdum*, fosse a natureza simplesmente qualitativa, haveria duas possibilidades: ou o devir seria completamente contínuo, e, neste caso, a todo o momento a qualidade se transformaria e desapareceria, fundindo-se numa outra qualidade, constituindo um devir brumoso, informe, sem estrutura (Lefebvre, 1969, p. 211). Ou, por outro lado, o devir seria totalmente descontínuo, hipótese em que a cada instante, através de uma brusca interrupção, apareceria sempre a outra qualidade.

A quantidade medeia o conjunto de qualidades, permitindo que nosso mundo qualitativo tenha uma estrutura definida. No devir, a qualidade persiste, se prolonga, se repete, se conserva no curso de um crescimento quantitativo gradual. É dessa forma que a quantidade introduz a continuidade concreta e a gradualidade (Lefebvre, 1969, p. 211). Lefebvre ilustra essa explicação com a ideia da água, que conserva sua qualidade ao aquecer-se e resfriar-se. No entanto,

A mudança nas coisas (e, por mudança, deve-se entender não apenas o deslocamento, mas a alteração, a modificação) apresenta-se frequentemente como contínua e gradual: a criança cresce, a planta aumenta. *Então, 'alguém' (isto é, o entendimento) pensa explicar todo o devir da coisa, bem como suas transformações pela gradualidade. Pensa, por exemplo, que o ser já estava íntegro desde sua origem (a planta na semente, o adulto na criança ou mesmo no germe, etc.). A transformação seria então simplesmente quantitativa (crescimento, aumento); a qualidade permanecendo constante, parece que o devir se explica por si mesmo, que o aparecimento da coisa, ou seu desaparecimento, ou suas metamorfoses passam-se diante dos nossos olhos. A explicação torna-se assim puramente quantitativa; e, com isso, o entendimento se satisfaz, já que, posta a qualidade, parece ser necessário levar em conta tão somente a repetição, a continuação, o aumento ou a diminuição contínuos dessa qualidade, para que se tenha explicado a totalidade do processo (Lefebvre, 1969, p. 211-212, grifo próprio).*

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

É claro que essa forma de proceder do entendimento, que aposta ou na apreensão da sequência dos fatos históricos, ou na investigação da origem de um nexos que supostamente conteria toda essa sequência desde a origem, não passa de uma ilusão. A sequência da história não se explica mais claramente que sua origem. Mais importante do que isso: a quantidade também introduz na qualidade o descontínuo, e a transformação de um ser é sempre a passagem de uma qualidade em uma outra qualidade, ou seja, negação de uma qualidade (Lefebvre, 1969, p. 212). Isso quer dizer que o crescimento puramente quantitativo não explica o desenvolvimento dos seres: na verdade, ele não pode captar precisamente os períodos de transformações profundas que se dão na história de um ser, períodos de crises nos quais a gradualidade é interrompida e após os quais a qualidade é bruscamente modificada através de uma fraca ação da quantidade. Mantendo a ilustração, a água resfria-se de maneira gradual, mas se torna dura, vira gelo, de forma brusca.

Assim, Lefebvre chega à lei da transformação da qualidade em quantidade, segundo a qual o devir concreto avança de forma brusca, atravessa crises e se processa por saltos (Lefebvre, 1969, p. 212). No devir não profundo, no momento de sua gradualidade, a quantidade, embora seja sempre inseparável da qualidade, é uma determinação indiferente da coisa. Ironicamente, é quando o devir se aprofunda e a qualidade é envolvida, arrastada e superada, surgindo uma outra qualidade, que a quantidade revela que fazer parte da essência da coisa (Lefebvre, 1969, p. 213).

Desse modo, concluímos que o devir é ao mesmo tempo contínuo e descontínuo, isso tem relevância inclusive para a ciência moderna, na medida em que a introdução da descontinuidade provocou alterações bruscas na história. Assim,

O descontínuo é o meio físico dotado de uma certa unidade, mas composto de várias unidades distintas e, não obstante, em conexão; dessa distinção na relação resulta, ao mesmo tempo, o acaso e as leis do acaso: partículas, corpúsculos, elétrons, genes, etc. O cálculo do contínuo é chamado diferencial, pois calcula as quantidades determinadas a partir de seus 'diferenciais', de seus limites no infinitamente pequeno (derivadas). Todavia, o cálculo que busca as relações de *seres descontínuos* (que não podem tender para zero), mas que formam um conjunto (relativa e aproximadamente estável), é o cálculo das probabilidades (Lefebvre, 1969, p. 212-213, grifo próprio).

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

Assim, é unilateral tentar captar a realidade somente através de funções e leis físicas, pairando no ar. As teorias explicativas representam um grau superior na análise do concreto que supera, e integra, a pesquisa das leis (Lefebvre, 1969, p. 214). A qualidade é, aqui, reintegrada na ciência, enquanto a quantidade é aprofundada e cede o seu lugar à coisa. É verdade que a quantidade tem uma importância prática elevada, na medida em que é a mediação através da qual se pode atacar a qualidade para modificá-la, como quando esquentamos a água para termos o vapor, ou para fervê-la (Lefebvre, 1969, p. 214). No entanto, não se deve exagerar essa importância como a ciência desde Galileu e Descartes o fez, reduzindo a ciência a uma ciência da grandeza. Inclusive porque a quantidade pura não existe: sabemos que toda a grandeza real é, ao mesmo tempo, quantidade e qualidade, pois só há mensuração de grandezas, um padrão de mensuração é sempre medida quantitativa de uma grandeza específica (Lefebvre, 1969, p. 215).

Descobrimos algo. Se o teórico materialista deve se dirigir ao objeto, deve, contudo, ter a paciência para o trabalho do conceito. É preciso isolar e analisar os elementos da realidade para determinar as qualidades no plano do finito, do relativo e do abstrato (Lefebvre, 1969, p. 269). Porém, isso não basta, pois, como vimos, é preciso superar essa separação num movimento de volta das partes ao todo que, contudo, não retorna para o ponto partida, mas o aprofunda. Dito de outra forma, a razão nega a abstração que, mediatizada, situa-se no âmbito do imediato superior, no concreto.

Embora a qualidade e a quantidade se mostrem inseparáveis, dois aspectos de uma existência concretamente determinada, estes dois aspectos não se confundem: em um dado momento, o algo qualitativamente determinado que resistia ao curso do devir é arrastado bruscamente e superado (Lefebvre, 1969, p. 213). E de que forma?

O crescimento do poder humano sobre a natureza (das forças criadoras, produtivas) não produz apenas novos graus no pensamento. Produz também *crises* econômicas, sociais, políticas, transformações bruscas. Põe problemas, e quem diz ‘problema’, diz contradição, não-latente, porém em sua mais alta tensão, no momento mesmo da *crise* e do *salto*, quando a contradição tende para a solução objetivamente implícita no devir que a atravessa. O pensamento humano, também aqui, reflete a solução – ‘encontra’ a solução; e inserindo-se assim no movimento, *resolve pela ação a crise, superando a situação contraditória* (Lefebvre, 1969, p. 239, grifo próprio).

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

É dizer, o momento da transformação da quantidade em qualidade não pode ser simplesmente criado pelo conhecimento ou pela ação, essa descontinuidade no devir expressa uma crise interna da própria coisa, intensificando todas as contradições. Assim, quando um conjunto de realidades conexas atravessam a mesma crise, produz-se o que Hegel denominou de uma “linha nodal”, na qual a crise de uma civilização pode consistir numa crise da cultura, da economia, da política, da vida social e, também, do próprio pensamento (Lefebvre, 1969, p. 239).

Interessa aqui destacar que a lei dos saltos é a grande lei da ação: num dado momento as condições objetivas da crise se reúnem. Certo. Mas ainda que a quantidade seja o “lado vulnerável” pelo qual se pode atacar a qualidade para modifica-la, será no momento de crise em que uma ação muito fraca (fator subjetivo), através de uma adição de quantidade pequena, produzirá a transformação da qualidade (Lefebvre, 1969, p. 215). Esclarecido como e quando a quantidade se transforma em qualidade, e sabendo que devemos nos dirigir à realidade, sabemos também de que maneira nos dirigir. Devemos, por um lado, determinar os pontos críticos de crise, de transformação de uma coisa em outra, para superar a crise. Isso implica, por outro lado, observar que

a verdadeira superação é obtida não através de uma amortização das diferenças (entre as doutrinas e as ideias), mas, ao contrário, aguçando essas diferenças. Quando uma tese tem razão em certo sentido, e notadamente em sua crítica da outra tese, isso não anula o fato de que cada tese, até mesmo no que tem de positivo, permanece unilateral. Se nos contentássemos em misturar as teses em presença, tomando um pouco de uma e um pouco de outra, permaneceríamos no plano da unilateralidade; não aprofundaríamos os problemas; não reapreenderíamos, para leva-lo a um grau superior, o movimento profundo que se dividiu nas duas posições contraditórias. Ora, se há superação possível, essa só pode nascer a partir desse movimento mais profundo (Lefebvre, 1969, p. 229-230).

No entanto, a superação (*aufhebung*) do qualitativamente determinado, do algo, não implica a sua eliminação. Na superação, o que é superado é, em certo sentido, suprimido; mas, por outro lado, o superado não é um nada, ele é elevado a um nível superior: serviu de mediação para a obtenção do resultado proeminente. A etapa superada não existe mais em si como no estágio anterior, mas persiste no resultado através de sua negação. Uma ilustração desse processo é a persistência da criança na memória do adulto, sem que, com isso, se possa afirmar

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

que o adulto é uma criança grande (Lefebvre, 1969, p. 230). Da mesma maneira, não se pode dizer que a árvore, a flor e a semente já estejam contidas na semente, na origem, pois uma árvore não é uma semente grande, algo aconteceu e, quando aconteceu, produziu uma outra qualidade. Por isso, o salto dialético implica, ao mesmo tempo, a continuidade do movimento profundo e a descontinuidade, o aparecimento do novo e o fim do antigo (Lefebvre, 1969, p. 239).

O materialismo dialético engloba as teses do movimento linear e do movimento circular e, ao superar estes esquemas limitados, projeta um outro esquema: o do desenvolvimento em espiral (Lefebvre, 1969, p. 297). O que essa ideia penetrante quer dizer? Passamos novamente pelas etapas superadas, mas elas não se repetem, elas são reencontradas em nível elevado: a superação revela o superado, o primeiro imediato, mas imerge mais profundamente que ele no imediato (Lefebvre, 1969, p. 232). Em vez do círculo ou da linha, a melhor representação da ideia de superação (*aufheben*) é a de um desenvolvimento em espiral, desde que se tenha em mente o aprofundamento do antigo na repetição (apenas aparente) do que foi superado na fase superior (Lefebvre, 1969, p. 297).

2 O CONCEITO DE “TOTALIDADES ABERTAS” E A “LÓGICA CONCRETA”

Para Lefebvre, a ideia pode ser compreendida, de forma não metafísica, a partir da produção da unidade de múltiplas determinações, como no caso da unidade do conceito e do real, do sujeito do objeto, da essência e da existência, da teoria e da prática e do ideal e do real (Lefebvre, 1969, p. 233). Em suma, como totalidade num sentido não vulgar. E que sentido seria este? Lefebvre, no texto “*La Notion de Totalité Dans le Sciences Sociales*”, originalmente publicado em 1955, ataca as duas “doenças infantis” do marxismo. A primeira é o subjetivismo de classe (que atribui a Lukács), enquanto a segunda é o objetivismo (a interpretação mecanicista vulgar), postulando que o verdadeiro método do materialismo dialético poderia ser descrito pela ideia de “objetividade aprofundada” (1955, p. 73).

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

Diferenciando “totalidades abertas” de “totalidades fechadas”, Lefebvre sustenta que as totalidades fechadas e estáticas excluem as outras totalidades. Elas ou não consideram as outras totalidades ou, quando as consideram, as mantém exteriores a si (1955, p. 55). Dessa maneira, Lukács, em sua obra “História e Consciência de Classe” buscou aplicar, segundo Lefebvre, a noção de “totalidade fechada” à consciência de classe do proletariado, enquanto destinatário por excelência do discurso teórico, bem como enquanto subjetividade revolucionária autêntica (1955, p. 58-60). Já a noção de uma “totalidade aberta”, em movimento e dinâmica, refere-se a uma espécie de atitude frente ao conhecimento que, sempre de maneira precária, busca reestabelecer os liames entre momentos isolados (Lefebvre, 1955, p. 56-58).

Conforme Lefebvre a concebe, a totalidade abarca a natureza e o devir, o homem e a sua história, sua consciência e seu conhecimento, suas ideias e suas ideologias. É, pois, totalidade infinita de totalidades parciais, recíproca e profundamente implicadas nos e pelos conflitos eles mesmos (Lefebvre, 1955, p. 73). Na leitura de Martin Jay, Lefebvre, mesmo em obras posteriores ao texto de 1955, recusou-se a aceitar a noção de totalidades fragmentárias que não poderiam ser superadas e, mais do que isso, estabeleceu a ideia de unidade do conhecimento, bem como a ideia de caráter total da realidade como pressuposições necessárias para o trabalho da Ciências Sociais (Jay, 1984, p. 298).

Resgatando a tese marxista segundo a qual a sociedade futura (comunista) poderia ser definida pela apropriação completa para o homem e pelo homem da natureza e da sua própria natureza, Lefebvre destaca o sentido moderno da ideia. Segundo ele, o retorno do homem a si mesmo enquanto homem social – retorno completo e consciente – preserva toda a riqueza do desenvolvimento efetivo. Sustenta ainda que somente com a realização histórica do comunismo se resolve o mistério da história, com a consciência de que se resolve este mistério (Lefebvre, 1955, p. 75).

Porém, essa intuição antropológica profunda não pode se desligar da ciência econômica ou da ciência histórica, não pode se hipostasiar numa reflexão filosófica ou ética pura. Afinal, como vimos, a lógica concreta pressupõe a historicidade e a racionalidade historicamente situada. Subtraindo o contexto histórico-social, o filósofo, sob o pretexto de falar sobre a totalidade, degenera em metafísico porque salta para fora da história, do “por-vir” e dos

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

problemas reais. É este o problema de uma discussão meramente escolástica sobre o conceito de alienação, e, ainda pior, sobre os discursos sobre o conceito de alienação, que degenera ironicamente na forma filosófica da alienação humana (Lefebvre, 1955, p. 76). Em outros termos, não se deve conceber tampouco o homem total nem como um dado, segundo o princípio antropológico, nem como uma determinação, isto é, uma imagem ou uma representação definida.

Afinal, o que é o “homem total”? Lefebvre defende que o conceito de “homem total” joga, na teoria do desenvolvimento social, um papel semelhante ao do conceito de absoluto na teoria do conhecimento, esclarecendo que a teoria do conhecimento não rejeita o absoluto (Lefebvre, 1955, p. 75-76). A teoria do conhecimento considera dialeticamente as relações entre o absoluto e o relativo: por um lado, no relativo há o absoluto; por outro, o conhecimento da totalidade se coloca sempre como limite ao infinito dos conhecimentos aproximativos e relativos. Por essa razão, os conhecimentos relativos efetivamente (historicamente) tendem a esse limite, como numa linha assintótica, sem nunca o alcançar efetivamente (Lefebvre, 1955, p. 76). De forma análoga, o homem total não será realizado, mas também não será uma pura abstração, será uma noção rica, implicada no próprio desenvolvimento social. Em todos os momentos da realidade humana haverá qualquer coisa da totalidade, pois todo o conhecimento parcial contém um grão de verdade.

De sua parte, Lefebvre concebe, pois, as totalidades abertas, dinâmicas, em movimento, como a “chave de virada” não somente da filosofia, da teoria do conhecimento, da teoria da liberdade, mas das ciências em geral e das ciências sociais em particular: elas coroarão o edifício da unidade da pesquisa científica e da pesquisa filosófica (Lefebvre, 1955, p. 77). Essas totalidades parciais se determinam simultaneamente como históricas, sociais e humanas: descobertas pelo pensamento dialético, abrem-se sobre o possível.

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio reconstruí as relações lógicas entre as categorias de “quantidade” e “qualidade” a partir da dialética proposta por Henri Lefebvre, o que significa suprasumir, do ponto de vista da forma; do ponto de vista do trabalho efetivo do pensamento; e do ponto de vista dos conhecimentos adquiridos, o momento lógico-formal. Após as conquistas consolidadas neste momento lógico-formal, situamo-nos no começo lógico do pensamento concreto; neste começo está estabelecida a pura forma do pensamento sem o devir histórico; esta forma é o pensamento do nada, a consciência do vazio, a exigência de um conteúdo em confronto com o real, a antecipação da própria contradição entre o ser e o nada, ou seja, conquanto a consciência do nada não seja ainda o pensamento de algo, este “nada” na consciência impulsiona o pensamento a um movimento (Lefebvre, 1979, p. 176). É nesta e por essa contradição interna que o pensamento é abalado e desaparece.

Após desaparecer o primeiro momento de oposição abstrata do ser e do nada, aparece um segundo momento. Este emerge como resposta à exigência imanente por conteúdo do primeiro momento do pensamento (Lefebvre, 1979, p. 177). No entanto, este momento é qualitativamente novo, determina o pensamento ao introduzir nele propriedades determinadas tais como “movimento interno”, “afirmação”, “negação”, “superação das qualidades”, enfim, a própria “noção de qualidade” se oferece como possibilidade de análise do conteúdo do pensamento (Lefebvre, 1979, p. 177).

Porém, o pensamento não pode estancar na “qualidade”, não pode hipostasiar essa categoria lógica. O próprio movimento do pensamento atravessa graus no conteúdo (Lefebvre, 1979, p. 177), penetra mais ou menos neste, tornando-se mais ou menos concreto. Assim, é do movimento interno do pensamento sobre os fatos a quantidade se introduz pela sucessão das qualidades. Através do conceito de “totalidades abertas” tentei ilustrar de que forma esse insight pode ser explorado em conexão com a perspectiva, por exemplo, das ciências sociais e da historiografia.

UMA LEITURA DA RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE E QUALIDADE NA LÓGICA DIALÉTICA A PARTIR DE HENRI LEFEBVRE

João Pedro Lopes Fernandes

REFERÊNCIAS

ELDEN, Stuart. **Understanding Henri Lefebvre: theory and the possible**. London and New York City: Continuum, 2004.

JAY, Martin. **Marxism and Totality: the adventures of a concept from Lukács to Habermas**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984.

LEFEBVRE, Henri. La notion de totalité dans les sciences sociales. **Cahiers internationaux de Sociologie**, n. 18. Janvier- Juin, 1955.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica Formal Lógica Dialética**. 2. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LEFEBVRE, Henri. **Logique Formelle Logique Dialectique**. Troisième Edition avec une nouvelle introduction. Editions Sociales: Paris, 1982.